Depois da ceifa
Foto: DENKSTEIN

BOLETIM MENSAL
N.º 50
PREÇO AVULSO: 1$00
ASSINATURAS AO ANO: 12$00

JUNHO
1943

Sumário

Flores a St.º António

Foto ALMERICI

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

JOGOS FLORAIS DA M. P. F.

O desejo de incutir e estimular nas filiadas o gôsto pela arte Literária e de intensificar o amor pela Organização, leva o Comissariado Nacional, aproveitando as facilidades proporcionadas pelas férias, a organizar os Jogos Florais, *durante as férias grandes de 1943.*

Regras a que obedecerão os Jogos

1.ª) — Poderão concorrer tôdas as filiadas, com produções originais.

2.ª — Os trabalhos serão constituidos por:

A) ***Em verso*** — a) *Poesia nacionalista;* b) *Poesia lirica;* c) *Quadra popular;* d) *Poesia infantil;* e) *Poesia religiosa.*

B) ***Em prosa*** — a) *Narrativa histórica;* b) *Conto.*

C) ***Peça teatral em um acto.***

3.ª) — Os originais em verso não deverão exceder, em extensão, três páginas dactilografadas, entrelinhadas a dois espaços, em papel normal de máquina de escrever.

4.ª) — Os originais em prosa não deverão exceder, em extensão; seis páginas dactilografadas, nas mesmas restantes condições do número anterior.

5.ª) — As peças que serão apresentadas dactilografadas, nas mesmas condições dos números anteriores, deverão ter em vista que se destinam a ser representadas nas festas dos Centros da M. P. F. A sua representação não poderá exceder um lapso de tempo superior a uma hora e tôdas as personagens serão femininas.

§ único — Admitir-se-ão, excepcionalmente, figuras masculinas, em casos especiais, de cuja oportunidade o júri decidirá.

6.ª) — Tôdas as produções, qualquer que seja a categoria a que pertençam, deverão estar de acôrdo com os principios morais e directrizes educativas da M. P. F..

7.ª) — Os trabalhos serão enviados à Direcção dos Serviços Culturais da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, 8, Lisboa, até ao dia 10 de Outubro.

8.ª) — Os originais deverão ser subscritos com um pseudónimo ou uma divisa.

9.ª) — O verdadeiro nome da autora será enviado dentro dum sobrescrito, devidamente lacrado, em cuja parte exterior figurará a divisa ou pseudónimo adoptados.

10.ª) — Serão apenas abertos os sobrescritos lacrados, correspondentes aos trabalhos, que obtenham classificação, e êsses mesmos pela Comissária Nacional, em presença dos outros membros do Comissariado, que para êsse efeito os receberá do júri classificador, devidamente classificados e rubricados por todos os membros do júri.

11.ª) — As concorrentes classificadas farão a leitura das suas produções perante o público, a não ser que prefiram que essa leitura seja feita pela leitora oficial do certame.

a) — *Os trabalhos em prosa só serão lidos, no todo ou em parte, se o júri assim o determinar;* b) — *A peça teatral, que obtiver o primeiro prémio, será representada na festa para êsse fim organizada.*

12.ª) — Para efeitos do número anterior realizará o Comissariado Nacional, em Lisboa, uma festa, na qual serão também conferidos os respectivos prémios.

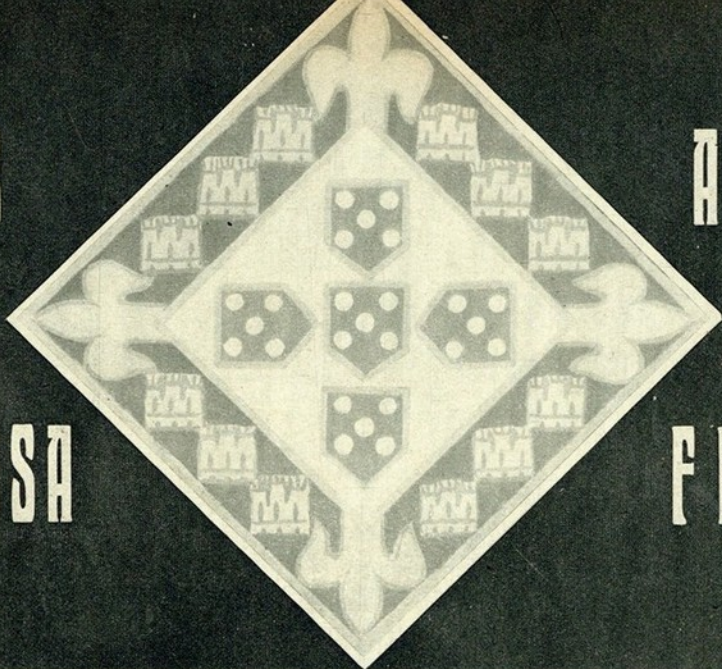
13.ª) — As duas primeiras produções classificadas, em cada género, serão premiadas com um livro de autor português de categoria.

14.ª) — Além dêstes prémios haverá menções honrosas em número nunca superior a terço do total das concorrentes.

15.ª) — A produção a que o júri, por unanimidade, reconhecer superioridade de mérito, será premiada com uma violeta de ouro.

16.ª — Não havendo trabalhos que o justifiquem, não serão dados os prémios da respectiva categoria.

17.ª) — De cada produção devem ser enviados um original e 4 cópias.

18.ª) — O júri será constituido por individualidades de reconhecido valor intelectual, estranhas à Organização.

A Mocidade Portuguesa Feminina é fundamentalmente uma obra de educação. Importa, porém, dizer em que sentido se orienta essa educação e os meios que utiliza.

Não vou alongar-me em considerações sôbre o que tem sido no decorrer dos séculos a educação das raparigas. Sabemos que a cada período da evolução das sociedades corresponde um certo ideal educativo. O que ontem satisfazia não se aplica ao novo conceito social de hoje.

No momento presente desenham-se nítidos ainda dois sentidos educativos diferentes. A chamada educação antiga e aquela que, pomposamente, se apelida de educação moderna. A primeira, orientada num sentido meramente preservativo — o que se faz opondo-se ao que não se faz. A segunda, responde a uma concepção individualista da vida: aceita tudo, permite tudo.

Na chamada educação antiga a rapariga só é posta em contacto com os problemas que se prendem com a vida do lar; prepara-se-lhe cuidadosamente o coração, mas só mediocremente se lhe forma o espírito. A sua imaginação viva e ardente compraz-nos numa visão de sonho em que o mundo, tentadora miragem, é julgado pelo lar em que vive. Desconhece-lhe os erros, as contradições, as injustiças, as traições. Lançada nêle, a energia quebrantada na luta para que não fôra preparada, só não sossobrará se a fé e a virtude tiverem sólidas raízes no seu coração. Em todo o caso a desilusão, a amargura, é o que lhe cabe na partilha dos bens terrenos a que tinha direito.

A chamada educação moderna opõe-se a êste conceito da educação antiga.

Abandona-se como inútil o sentido espiritual da vida. Esta só vale pelos bens que proporciona, pela satisfação de prazeres que pode dar. Cultiva-se-lhe o espírito segundo o critério de ostentação e vaidade, que sufoca qualquer sentimento generoso e altruísta. Desenvolve-se-lhe o culto da independência. A casa, o marido e os filhos, quando não apareçam como uma perspectiva brilhante, prometedora de honras e prazeres, são um obstáculo, uma dificuldade, que convém afastar. Oblitera-se assim o sentimento do dever, perde-se a noção da responsabilidade. Por isso, a idéia de Deus é posta de parte como importuna e inoportuna.

De um lado, portanto, uma educação incompleta, incapaz de se harmonizar nos seus fins com as exigências da vida actual.

Do outro, uma educação errada nos seus fundamentos, nos seus conceitos, e, por isso, mais nociva ainda.

Se em rápida visão nos fôsse dado seguir a evolução, lenta mas segura, dos princípios e directrizes que a mãe põe na alma e no coração dos filhos, se nos fôsse permitido medir a repercussão dos seus esforços de educadora, estou certa de que, perante a grandeza desta missão, avaliando por ela também a nossa responsabilidade, o problema da formação da rapariga viria à primeira plana no conjunto dos problemas sociais que haveríamos de estudar.

E' como mãe que a mulher atinge tôda a grandeza e elevação da sua função social. E' na vida do lar que hão-de desenvolver-se tôdas as suas virtudes, que o amor dos filhos e o respeito pelo marido quási divinizam. Mas é também na vida social que essas mesmas virtudes, caldeadas no amor de Deus e no culto da verdade, hão-de marcar-lhe a orientação que a levará, com dignidade e firmeza, a realizar o seu destino.

Êste é o conceito educativo da Mocidade Portuguesa Feminina. E' para lhe dar vida que as dirigentes da organização desenvolvem a sua actividade.

Merecem respeito muitas das aspirações e tendências que se manifestam hoje nas raparigas. O que importa é orientá-las no sentido cristão e organizá-las em função da missão providencial que cabe à mulher realizar na vida.

O seu gôsto pela cultura e o desejo de ganhar a vida são aspirações legítimas, que não devem contrariar-se. Nem tôdas as raparigas estão destinadas ao casamento, e, mesmo das que casarem nenhuma ficará ao abrigo da viuvez ou de um golpe de fortuna.

Mas ao lado destas preocupações uma há que a tôdas sobreleva — a da preparação da rapariga para a vida do lar.

A nossa reconstrução social impõe uma sólida organização da família que não é possível sem que a mãe, cuidadosamente preparada, aí tenha o lugar de relêvo, que por direito natural lhe pertence.

Isto justifica o lugar proeminente que a Mocidade Portuguesa Feminina liga ao problema da formação das filiadas para a vida do lar.

A Mocidade procura formar a consciência das filiadas para que conheçam o bem e o realizem. É porque o bem é a verdade iluminada pela luz, é a luz do Evangelho, aquela que iluminando o espírito forma também o coração, que a Mocidade Portuguesa Feminina quere transmitir-lhes. A razão a orientar o sentimento, o sentimento a fortalecer a razão, e ambos esclarecendo e dinamizando a vontade.

Esta formação faz-se sob a acção directa do Comissariado, através de fôlhas quinzenais, adaptadas aos vários escalões e à idade das filiadas.

A par da alma a Mocidade cuida também do corpo em obediência ao velho, tão conhecido e sempre verdadeiro aforismo: *Mens sana in corpore sano*. A saúde e o vigor físico fortalecem a coragem, dão ânimo para a vida, aumentam a capacidade, trabalho e a alegria de viver. Por isso, nos seus programas se incluíram a gimnástica, jogos e desportos, para que as filiadas se tornem cada vez mais fortes e mais belas, daquela beleza sem artifício que é própria de um corpo são, mas não tão desportivas que deixem de ser mulheres e, esquecidas da alma, cuidem só do corpo.

Foi à procura dêsse justo equilíbrio que se desenvolveu logo do comêço a acção do Comissariado Nacional, organizando um curso para instructoras de educação física, que funciona em Lisboa. O curso tem a duração de dois anos e preparou já algumas dezenas de instrutoras, que trabalham hoje em todo o País. No entanto, para o volume de filiadas organizadas, êsse número é ainda insufientíssimo. Mas aqui, como noutros sectores não pode haver pressas. Não se improvisam competências, nem se revolucionam as consciências num abrir e fechar de olhos. E' preciso ter fé e saber esperar.

Depois, a preparação para a vida do lar.

Preparar para a vida é o grande ideal

de educação na Mocidade Portuguesa Feminina.

A preparação para a vida do lar exige, para ser uma verdade, que, com a aprendizagem e aquisição dos conhecimentos necessários, se cultivem também qualidades e virtudes, que espiritualizem o ambiente familiar — amor de familia, espírito de sacrifício, culto do dever, dedicação, optimismo, coragem na adversidade, espírito de previdência, etc., tôda uma escola de virtudes, que projectando-se na vida social a elevam e dignificam. A aprendizagem a que me refiro, orientada num sentido prático que a esclarece e facilita, compreende um certo número de actividades, que vão dos mais simples trabalhos caseiros ao arranjo e tratamento de roupas, culinária, cuidados com os doentes, puericultura, etc.

A Mocidade não se limita a formar as filiadas para a vida do lar. Por meio de fôlhas de formação nacionalista educa-as também no amor da Pátria, que devem servir com generosidade. Um dos grandes males das gerações passadas foi o abandono a que votaram êste amor, num esquecimento e num pessimismo que nos iam aniquilando.

A Mocidade quere despertar nas filiadas o desejo de bem servir a Pátria, como bem a serviram as duas grandes rainhas que lhes são dadas por modêlo — uma, espôsa exemplar, mãe e educadora admirável; a outra, senhora também de excelsas virtudes, que nos seus próprios sofrimentos colheu alento e inspiração para realizar essa grande obra social do século XV que são as Misericórdias.

A Mocidade Portuguesa Feminina não descura a cultura do espírito. Através do seu *Boletim* e agora também do jornal infantil *Lusitas*, por meio das suas pequenas bibliotecas, em visitas a museus e monumentos, em sessões de campismo, em festas culturais e exposições, de tudo, a Mocidade se serve para intensificar a preparação cultural das filiadas.

O trabalho dirigido à massa das filiadas realiza-se nos centros e nas colónias de férias, em actividades diferenciadas segundo as idades e o meio social em que cada uma terá de exercer a sua acção futura. Foi assim que para as universitárias se organizaram centros especiais e se lhes destinou, em cada um dos dois últimos anos, uma das colónias de férias então organizadas.

A acção desenvolvida nos centros intensifica-se e completa-se nas escolas de graduadas, a cuja freqüência só são admitidas as melhores, isto é, aquelas que possuem elevadas qualidades morais. As graduadas são uma formação de escol, vivendo mais intensamente o ideal da Mocidade, num desejo de perfeição que se traduz em realidades de bem servir. Além dos serviços que prestam nos centros, as graduadas são obrigadas a estágios nas colónias de férias, onde dão prova da sua capacidade de transmitir e fazer viver êsse ideal às outras filiadas. Incumbem-lhes ainda funções de dirigentes, nesta prática se educando aquelas que mais tarde serão as orientadoras e impulsionadoras dêste grande movimento nacional.

Mas não se limita a isto a preocupação do Comissariado no campo de formação de dirigentes. Aos cursos especializados de preparação de instrutoras e reüniões de dirigentes, através das quais se fazia até agora a preparação destas, vêm juntar-se hoje cursos de formação de dirigentes, a funcionar em cada uma das escolas do magistério primário, medida que, como já foi autorizado, vai alargar-se aos liceus normais.

É êste o sentido educativo da Mocidade Portuguesa Feminina e a maneira de o realizar.

A Comissária Nacional

FOTO: Casimiro Vinagre

O ECO

Gostas de ouvir a tua voz repetida pelo eco.

Mas já pensaste que as tuas palavras não fazem eco só nas pedras de encontro às quais o som se repercute em ondas sonoras?

Já pensaste que as tuas palavras fazem eco também na alma daqueles que te escutam?

E que, portanto, as tuas palavras podem propagar o bem e o mal, a verdade e a mentira?

Já pensaste que o som da tua alegria vai ecoar noutros corações, fazendo-os rir e cantar contigo?

E a voz maguada dos teus lamentos se repetirá em gemidos?

Pensa nisto — e sê pregoeira da verdade e cantadeira da alegria!

Já pensaste que a tua boca, bemdizendo ao Senhor, emprestará voz à tôda a natureza e as montanhas farão ecoar até ao céu os teus louvores?

Já pensaste que a tua voz a murmurar uma oração poderá ser mais possante que o marulhar das ondas e o ribombar dos trovões, se as tuas palavras fizerem eco no próprio Coração de Deus?

Pensa nisto — e sê trovadora de Deus!

Campismo

ÊSTE ano, os domingos de campismo começaram no dia 21 de Fevereiro. Temos presente vários *relatórios* dessas jornadas de alegria e pena é que a falta de espaço não nos permita publicá-los na integra: todos êles parecem ter sido escritos com a tinta doirada do sol sôbre um papel azul celeste...

Os domingos de campismo iniciam-se sempre pela assistência à missa de manhãzinha, às 8 horas. Em seguida, acompanhadas pela Froken e uma Dirigente, as filiadas tomam o eléctrico para o Lumiar.

«Chegadas lá, encetámos o caminho para a Quinta do Grafenil onde iamos assentar arraiais — lemos no 1.º dos *Relatórios;* era cedo ainda e o caminho fez-se a cantar... A gente môça é assim. Tinhamos a impressão nítida de que os pássaros cantavam para nós, que as árvores estavam tão verdinhas por nossa causa, que o ar estava tão macio para nos dar prazer... E o dia, os nossos campos, o nosso Portugal, o mundo, enfim, era para nós, era belo para nós cá vivermos!»

O 2.º *Relatório* faz eco à mesma alegria: «Lá fomos cantando e rindo pela estrada fora. De vez em quando um chapéu voava ou os embrulhos da lenha para o almôço espalhavam-se maldosamente pelo chão; mas êstes ligeiros acidentes não conseguiam perturbar a marcha acelerada das campistas, e o grupo orfeónico, mesmo sem acidentes, desafinava... ligeiramente».

«...A meio do caminho — conta o 3.º *Relatório* — parámos, pousámos as mochilas e resolvemos cantar em conjunto para cobrar ânimo e continuar a caminhada.

Ai Rosita, Rosita do meio,
Vem comigo semear o centeio;
O centeio, o centeio, a cevada
Ai Rosita minha namorada.

Uma canção engraçada de que a Froken cantava as quadras e a que nós respondiamos em côro.»

Chegadas à Quinta formam-se os grupos que em cada dia tomam nomes diferen-

tes. Destinada a cada um a sua tarefa, começa a actividade nos campos.

Umas preparam os «fogões»; outras lavam as batatas ou vão buscar a água; ainda outras preparam a «sala de jantar» ou constróiem o cesto dos papéis, etc.

Dura a azáfama até à hora do almôço, 13 h. E em todos os *Relatórios* se faz menção de que «o almôço soube òptimamente». Não nos custa a acreditar...

Depois de lavada a louça, os enormes panelões e as chaleiras, algum tempo de repouso obrigatório e começam os jogos, concursos, exercícios de orientação, leitura de cartas topográficas, modelagem de mapas em relêvo, exercícios dos 1.os socorros, armam-se e desarmam-se as barracas, etc.

No 1.° dia o concurso consistiu numa colecção de flores e fôlhas campestres e «um boneco vestido que saiu mais ou menos original e mais ou menos bem arranjado...»

Num outro dia o concurso consistiu em representar uma província portuguesa exclusivamente com elementos da natureza.

Ganhou o grupo que representou o Minho.

E assim se passa o tempo. No fim da tarde é tirada a bandeira que no princípio do dia tinha sido plantada, e nòvamente se canta o hino da M. P. F.

«Caía a tarde e regressámos deixando tudo limpo e em ordem — lemos num dos *Relatórios*. Chegámos a Lisboa à noitinha, despedimo-nos em boa camaradagem, e no dia seguinte o Liceu pareceu-nos mais bonito, as lições mais interessantes, a alma mais leve e mais lavada. Em resumo, adorámos o passeio. Obrigada à *Mocidade!*»

«Já no fim da tarde começaram a cair uns pinguinhos de chuva, que em breve parava, convidando-nos a regressar — lemos noutro *Relatório*. Até meio caminho tudo foi muito bem, mas depois os mesmo pinguinhos voltaram, engrossaram, aumentaram e em breve a fôrça da chuva nos fez parar e procurar abrigo debaixo duma árvore. Passado pouco tempo, tivemos que seguir, desprezando a chuva, porque a árvore já encharcada ainda nos molhava mais. Quási que corríamos! Quando chegámos ao carro íamos como uns pintaínhos!»

Mas nem por isso a alegria esmureceu. «Sempre, saüdosamente, êste dia de campismo nos há-de lembrar.»

Todos os *Relatórios* terminam com palavras de satisfação semelhantes: «... E dispersámos em Lisboa, depois dum dia são e feliz, em que brincámos e rimos naturalmente, depois dum dia em que alegremente aprendemos qualquer coisa.»

SANTA TEREZINHA

ASSISTI à canonização de Santa Terezinha, e por mim, uma rapariga do meu tempo, que muito Lhe suplicou que se lembrasse dela no dia da Canonização, recebeu, sem mo pedir, um exemplar do livro que distribuiram nêsse dia aos que estavam na minha tribuna, que era perto do Altar Papal de S. Pedro, defronte da tribuna em que se encontrava o Senhor D. Manuel II, que também assistiu.

Estavam presentes várias Pessoas Reais, uma grande representação da França, pátria da Santa, e uma peregrinação portuguesa conduzida pelo Cardeal Patriarca Mendes Belo e vários outros Prelados. Havia nêsse dia em S. Pedro mais de 20.000 pessoas, e da sua varanda exterior pendia um grande pano com a linda imagem pintada da que foi em vida Soror Tereza do Menino Jesus, falecida em Lisieux em 1897, aos 24 anos.

Facto admirável a reünião de tanta gente, parte dela da mais alta estirpe, da mais alta condição, em homenagem à memória de uma rapariga que morreu aos 24 anos e que não foi rainha, nem heroina, nem literata, nem coisa nenhuma a não ser uma linda, suave, inteligente e santa rapariga.

A cerimónia, que teve a impressionante beleza de todas as canonizações, as mais belas cerimónias que se realizam no Vaticano, acrescentada ainda pela ternura especial que evoca a figura da Santa, começou antes das 9 horas da manhã, do dia 17 de Maio de 1925, quando o Papa chegou ao som das trombetas de prata da Sua Guarda Nobre, e os fiéis aclamaram a magestosa presença, cheia de dignidade, de inteligência e de fôrça calma, d'Aquele que foi em vida o grande Pontifice Pio XI.

Na longa cerimónia, que durou umas 4 horas, participou o Papa celebrando Missa e descendo, por outros motivos, várias vezes do Sólio, até que colocada a Tiara na cabeça, anunciou a Canonização da Santa.

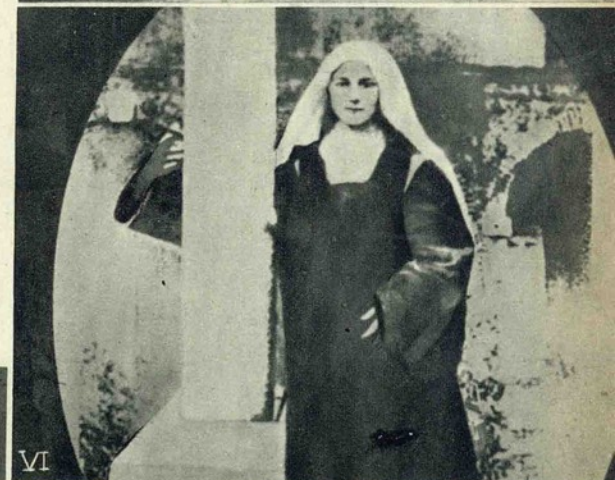
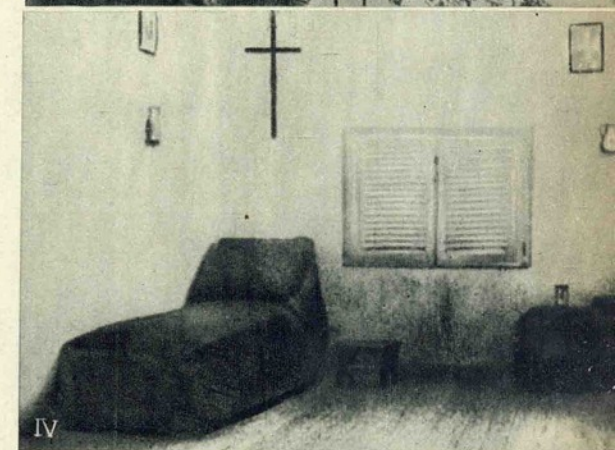
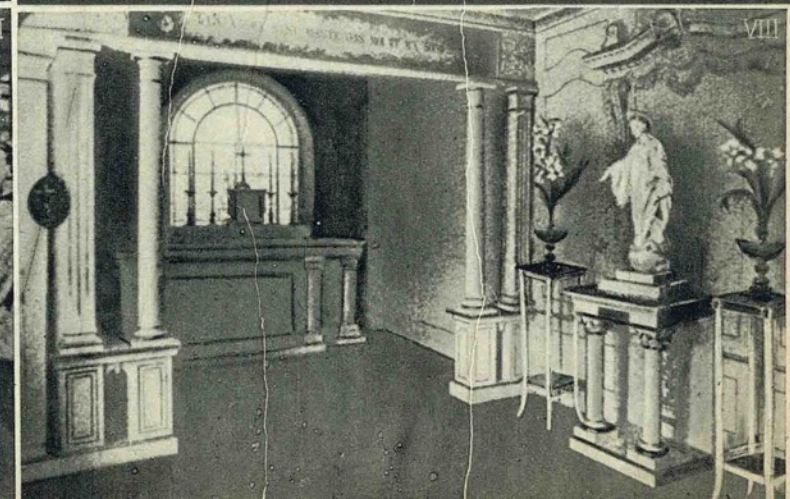
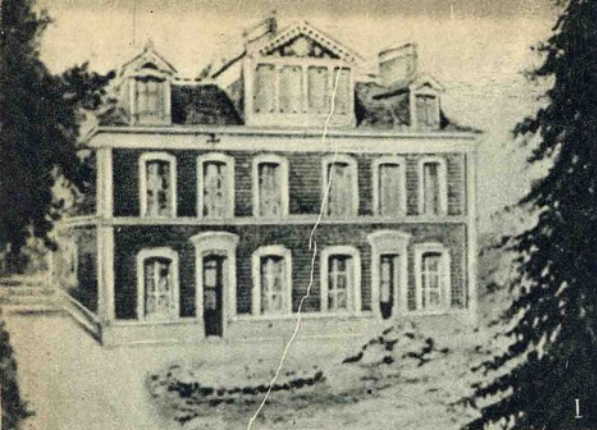
As irmãs de Santa Terezinha, que ainda viviam, não assistiram, apesar de convidadas, fazendo assim um sacrifício digno de nota.

Antes de se retirar o Pontifice aceitou a oferta de algumas gaiolas com aves, de algumas tortas, etc. e viram-se pombas brancas a esvoaçar, como de costume nessas ocasiões, dentro da Igreja de S. Pedro. Nunca elas voaram com mais razão, porque evocavam o espirito daquela suave rapariga, ante o qual se curvavam os grandes da Terra, os nobres, os ricos, os pobres, as fortes alabardas dos Guardas Suissos couraçados de ferro e as espadas faiscantes dos soberbos Guardas Nobres.

...Lembrei-me de ti, Santa Terezinha, jovem, dôce, linda, santa figura de Mulher, pensando na França, dôce e querida França, hoje vencida, tantas vezes vencedora, que nenhum poder do mundo, nenhuma intriga, nenhuma divisão, poderá jàmais impedir de ressurgir e viver!

Augusto Mendes Leal

I — Buissonnets, a casa da sua infância. II — Carmelo de Lisieux, a sua última morada. III — A sala do serão familiar. IV — A sua cela de carmelita. V — Terezinha no mundo. VI — Irmã Teresa do Menino Jesus. VII — A 1.ª comunhão de Terezinha. VIII — O quarto de St.ª Terezinha, nos Buissonnets, transformado em capela. IX — Quadro alusivo aos versos de St.ª Terezinha «La rose éffeiullée». X — Menino Jesus, no Claustro de Lisieux, que St.ª Terezinha floria

Guida, depois de ter jogado o «ténnis», conversa alegremente...

GUIDA
RAPARIGA DE HOJE

UMA campainhada vibrante, e os passos de Guida, subindo a dois e dois os degraus da escada, alarmaram D. Helena Albuquerque, que se encontrava trabalhando na sala de estar, e alvoroçaram Maria Adelaide, que estava sentada no canto da janela, a vestir a sua boneca preferida. O Tareco, que estava enroscado numa almofada, também estremeceu e saltou para o chão, enquanto Maria Adelaide corria ao corredor.

— Oh! mana o que te aconteceu?

Guida, sem responder, correu a abraçar sua mãi, afogueada, as faces còradas, a cabeleira um pouco despenteada.

— Mãi, tenho que lhe fazer um pedido.

— Faz, minha filha, mas antes de mais nada deixa-me dizer-te que não são maneiras de entrar em casa, assustaste-me, tua irmã também se assustou, e até o Tareco saltou da almofada. Ainda bem que a Avó não estava em casa, com o seu coração tão enfraquecido, poderia fazer-lhe mal o teu alvoroço.

— Perdôe Mãisinha, não foi por mal; a Maria Adelaide aproveita sempre para ir à porta, apesar da Mãi não querer, e o Tareco já não está zangado, vê? E apontou para o gatinho que lhe dava marradinhas nas pernas arqueando o dorso e fazendo «raurau».

— Está bem, mas não tornes a fazer isto. E o que é que tu queres?

— Ó Mãi, a Alda convidou-me e às pequenas da nossa turma para irmos no domingo ao Estoril jogar o «tennis» com ela; eu gostava tanto de ir! Se o pai e a mãi deixassem. Ela vai todos os sábados com os pais fazer o «weelk end» para o Estoril, têm «tennis» e convidou-nos. A Luz não vai, porque tem uma reünião da Juventude e, como é presidente, não pode faltar. A Joaninha também não vai porque os domingos são para estar com os pais e os irmãos; e sabe a Mãi? Ela não quer nunca coisas de gastar dinheiro, coitada, parece que tem pouco.

— Só prova a sua bondade que logo lhe reconheci; mas quanto ao teu pedido, sem falar com o pai nada te posso prometer.

— Mas a Mãi não seja contra êste projecto, não?

— Veremos. E agora vai pentear-te e arranjar-te para quando chegar a Avó, que foi à Encarnação visitar umas senhoras suas amigas, não te vêr assim despenteada, já sabes que a avó é intransigente na correcção da «toilette» e tem muita razão.

— Lá vou, Mãisinha. E saiu para o seu quarto seguida de Maria Adelaide que gostava imenso de estar no quarto da irmã...

Durante o jantar Guida estava impaciente e fazia sinais à Mãi, que conversava serenamente ou indicava a Maria Adelaide como devia estar à meza. João Manuel, muito animado, contava casos passados no Instituto, e seu pai aproveitava para se pôr bem ao facto da vida do filho, dando-lhe conselhos, que assim em conversa, não tinham o ar de imposições, tão contrárias ao feitio independente da mocidade dos nossos dias.

A' sobremeza D. Helena, vendo aumentar a impaciência de Guida e aproveitando uma pausa na conversa geral, disse:

— Guida, já falei ao pai, que dá licença que aceites o convite da tua amiga, mas como já estavamos com vontade de ir ao Estoril para a avó vêr as modificações que ali se têm feito, vamos todos no comboio, das duas e vinte; o João Manuel acompanha-te ao «tennis» da Alda e nós vamos depois buscá-las.

Guida, radiante, levantou-se, foi beijar o pai e a mãi. João Manuel, tomando ares condescendentes, disse:

— Agradece-me também a mim, que sacrifico o meu domingo; mas o seu rosto mostrava que o sacrifício não era grande.

Maria Adelaide batia palmas e dizia:

— O' Mãi, posso levar o Tareco?

— Não filha, os gatos não vão à rua, isso é para os cãis.

— Coitadinho, que pena! Mas levo a Nénè.

— Também não, porque depois de meia dúzia de passos sou eu que a levo, e não estou para andar todo o dia com a boneca na mão.

A pequenita resignou-se pensando no passeio e tôdas alegríssimas foram para a sala de estar. Guida telefonou a Alda participando-lhe que aceitava o seu convite e que João Manuel iria também. Alda mostrou-se satisfeitíssima com essa ideia.

No dia seguinte, um deslumbrante dia de Março dêsses em que a primavera se anuncia, florindo as olaias e dizendo-nos que o bom tempo está à porta, tôda a família e Ana Maria que tinha ido ter a casa da sua amiga, tomaram lugar no comboio.

D. Helena conversava com Ana Maria sôbre o lar de religiosas onde ela vive e dava-lhe alguns conselhos, tendo pena de vêr uma rapariga tão nova a estudar tão longe dos seus, quando D. Maria de Vasconcelos teve uma exclamação alegre, ao vêr entrar no compartimento um bonito e simpático cadete de Marinha, aluno da Escola Naval.

— Oh! Luiz, que prazer em te vêr, deixa-me apresentar-te á minha família. Luiz de Menezes, filho do Dr. Menezes, que vive numa propriedade que não fica longe da minha casa no Minho, e já me tem tratado alguns achaques.

Tôdas receberam o rapaz com acolhedor sorriso e a gente nova achou imensa graça quando êle disse que ia para casa de Alda, convidado pelo Chico, o irmão de Alda e seu condiscípulo.

Em breve a mocidade conversava alegremente e D. Maria de Vasconcelos contava à filha e ao genro quanto devia ao pai do simpático rapaz e como apreciava a mãi, senhora de alta cul-

tura e muito religiosa, e como eram também simpáticos os dois outros irmãos, que estudavam em Coimbra.

A certa altura D. Maria de Vasconcelos disse a Guida:

— Que pena a Luz não ter vindo! Simpatisei imenso com a pequena e desde que descobri que ainda somos aparentadas e que a familia dela é dos arredores de Braga, ainda mais gosto dela. Isto é regionalismo, como vocês dizem.

Entretanto o comboio ia seguindo a linha e aos olhos extasiados de tôdas ia-se desenrolando a magnifica paisagem. O rio espelhado reverberava a luz; a torre do Bugio, cada vez mais próxima, fazia o fundo da paisagem. E entre exclamações de encanto e conversa, o tempo passou e chegaram à estação. D. Maria de Vasconcelos estava maravilhada. Havia 27 anos que não ia ao Estoril e via-se em sitio completamente modificado. Guida e os dois rapazes foram para casa de Alda e o resto da familia foi para o Tamariz, onde se sentaram as senhoras. O sr. Albuquerque desceu à praia com Maria Adelaide que se queria descalçar e correr na areia.

A baía recortava-se em tôda a sua beleza, ao longe o farol de St.ª Marta marcava o ponto final. O céu azul, o mar brilhante de sol e a alegria das crianças que brincavam na praia, faziam sentir às duas senhoras o prazer da vida e o bem estar da hora presente.

Ao longe, alguns estrangeiros já se banhavam e perante o ar aborrecido de D. Maria pelos «maillots» que usavam, sua filha sorriu e disse-lhe:

— No verão não ousaria trazer a Mãi aqui, porque apesar da proïbição das autoridades, os trajos são tão exiguos, que a não ser algumas raparigas da Juventude e da Mocidade que se apresentam decentemente, o resto é uma desgraça!

— Eu não compreendo como a mulher desceu tão baixo que se apresenta assim e como o homem lhe perdeu o respeito, que quási se não cobre deante dela. E' impossivel que não haja uma reacção e a gente nova não compreenda a baixeza dêstes costumes e não reaja.

Enquanto as duas senhoras conversavam, Guida, João Manuel e Luiz tinham chegado a casa de Alda que os recebeu amàvelmente. A Mãi desta, deixando as filhas à vontade, tinha ido para o Casino. Junto ao «tennis», num caramanchão, estavam as mesas do chá.

Estavam algumas raparigas do Estoril e rapazes. Alda e João Manuel jogaram contra Guida e Luiz, ganhando êstes, que a seguir jogaram contra Ana Maria e o Chico. Mais uma vez Guida e Luiz ganharam, o que levou Ana Maria a dizer: — Eu não tenho sorte nenhuma, como havia de ganhar? Chico aceitou com bom humor a derrota, porque tinha simpatisado imenso com a pequena.

Guida, alegríssima, estava triunfante. Depois de alguns jogos das outras raparigas e rapazes, foram tomar chá e as elegantes estorilenses começaram a falar de «flirts» e a dizerem umas graças um tanto atrevidas a Alda. Guida e Ana Maria habituadas à sua simples camaradagem sentiam-se pouco à vontade. Luiz de Menezes, João Manuel e Chico vieram juntar-se-lhes e conversavam socegadamente, emquanto ao longe no outro grupo se ouvia continuamente: «E' bestial» «Foi estupendo» «Vai-te encher de moscas», usados em certa sociedade que se reputa elegante. Alda fumou com os rapazes um cigarro e João Manuel começou a achar menos irresistivel a moderna companheira da irmã, que esta nunca vira tão exageradamente moderna. E quando a familia chegou para buscar as pequenas, D. Helena ficou muito descontente ao vêr que a mãi de Alda não estava em casa, deixando meninas e rapazes entregues a si próprios sem essa discreta vigilancia que ela sempre exercia sôbre as filhas.

E à noite, quando foi ao quarto de Guida escovar-lhe os cabelos como sempre o fazia, nessa hora em que como duas amigas, ela que apenas tinha mais vinte anos do que a filha, a sentia uma companheira, olhando-a bem de frente preguntou-lhe:

— Gostaste do teu dia?

Guida franca disse-lhe: — Gostei imenso do passeio, multissimo de jogar com o Luiz, que joga muito bem, mas sabe Mãi, não gostei nada das amigas da Alda e ela mesma estava tão petulante e tão diferente do que é só connosco, que a estranhei bastante.

— E eu, filha, não gostei nada dêsse modernismo da mãi de Alda, de sair tendo as filhas visitas. Continuarás a dar-te com Alda, mas ir a casa dela, sem que eu te acompanhe, não irás mais.

— A mãi tem razão; nós gostamos de nos divertir com as da nossa idade, mas creia a mãi que me sinto protegida, quando me sorri de longe.

A mãi beijou-a e saiu. E antes de recolher ao seu quarto, entrou no de Maria Adelaide que dormia, os caracóis louros espalhados na almofada, o Tareco enroscado aos pés da caminha. E tirando-lhe dos braços a boneca com que tinha adormecido pensava: «Quando esta crescer que será a vida? Que Deus as proteja».

MARIA D'EÇA

Estoril. A baía recortava-se em tôda a beleza...

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

O primo Esteves recuperara o ânimo e declarou:

— Com o rendimento da cortiça, do azeite, dos cortes de eucaliptos e dos papeis do Estado, pode garantir-se um rendimento de bons 50 contos por ano. Não é a riqueza, bem sei, mas é bom.

— Parece-me óptimo! — exclamou Pedro.

— Não creio que chegue para sete formaturas... — observou D. Maria da Luz. — Mas vamos a vêr o que há-de fazer-se para melhorar a situação.

— Se quer, Mãe, desisto da medicina. — disse Pedro.

— Não, não, filho! Nisto nunca eu consentiria.

— A prima sabe que querem comprar a casa do Pinheiro para um colégio? — preguntou o primo Esteves.

— Esta casa?... — murmurou D. Maria da Luz com tristeza.

— Esta casa é enorme, pense bem nisso! — tornou o primo Esteves. — E que bela ocasião seria agora...

— Ficando eu em Lisboa, os manos em Leiria, quem sabe se valeria a pena arranjar-se uma casa mais pequena e vender o Pinheiro? — disse Pedro.

— Tal qual! — gritou o primo Esteves

Mas D. Maria da Luz abanou a cabeça negativamente e ficou silenciosa e pensativa um momento.

— E se eu conseguir arrendar a casa grande, contentam-se com a ala pequena? — preguntou o primo Esteves.

— Creia o primo que tanto eu como os pequenos preferimos a ala pequena a uma casa estranha, sem recordações...

E, passadas umas semanas, o primo Esteves conseguia um bom arrendamento para a velha casa dos Moura Pinto, avós e pais de D. Maria da Luz.

Um colégio de raparigas, dirigido por Irmãs Doroteas, instalara-se nas vastas salas; e era uma chilreada alegre durante o dia inteiro, alternada com a calma das horas de estudo e os cânticos religiosos na capelinha forrada de azulejos.

Na ala pequena, composta de bons quartos, de tetos um pouco baixos em caixões de madeira, e cujas janelas deitavam sôbre o jardim de buxos, instalara-se a família Almeida; e, apesar da profundeza do seu desgôsto e da falta imensa do chefe da família, que fôra tão bom marido quanto pai extremoso, a vida seguia, para a mãe e para os filhos, calma e boa no meio das suas ocupações. Tudo se fizera conforme os planos da mãe; e havia já um ano que os rapazes mais velhos estudavam e trabalhavam em Lisboa e Leiria, enquanto as meninas e os dois mais novos viviam junto à mãe na aldeia.

III

— Mãe, ó Mãesinha! — gritou Helena numa manhã de Abril, indo ter com a mãe à pequena casa de costura, onde a boa senhora cosia a roupa da casa, ajudada por Francisca.

D. Maria da Luz olhou-a com um sorriso triste.

— Vens com o fôgo todo, Lena! — disse Francisca.

— Se te parece! Uma novidade estúpenda — respondeu Helena — a Casa da Tôrre foi comprada por uma gente rica e vão dar festas maravilhosas!

D. Maria da Luz, observou:

— Mas, Lena, que nos importa as festas dessa gente que nós não conhecemos?!

Helena sentou-se e explicou:

— Não conhecemos ainda, Mãesinha, mas vamos ter de conhecer com certeza, sabe porquê? Oiçam bem! — acrescentou, com solenidade cómica.

— O pai é o senhor Santos, antigo comerciante casado com uma senhora D. América...

Além, naquela portinha verde..

— O quê? — gritou Francisca.

— Não me interrompas, Chica, que ainda tenho imenso que dizer. Êste casal, que dizem ser óptimas pessoas e cheios de generosidade, tem duas filhas das nossas idades que se chamam: Lisette e Suzette!

— Que disparatada coisa — murmurou a mãe.

— Há também um filho chamado — êsse prosaicamente — Jerónimo; mas está em Africa ou não sei onde...

— Muito já tu sabes dessa gente. Quem te disse tudo isso? — preguntou Francisca.

— Deixa-me continuar, depois conto como soube tanta coisa. Esta família vem instalar-se na Casa da Tôrre e tem ideias de fundar obras boas para a pobreza. Já vê a Mãe que vale a pena cultivá-los.

D. Maria da Luz abanou a cabeça:

— Desconfio um pouco de vessoas cujos nomes de todo desconheço, filhinha.

— Sejam êles bons e generosos, não é isso o principal? — tornou Helena. — E agora é que vou dizer a notícia estupenda: querem dar na Casa da Tôrre uma festa que começará à tarde e se prolongará pela noite adiante: música, danças, cinema, fôgo de vista, um cortejo agrícola...

— O que aí vai, Lena! Até já me sinto cançada — interrompeu a mãe.

— Como nós não tomamos decerto parte nessa festa — observou Francisca.

Mas Helena protestou com fôrça:

— E porque não, Chica? Parece que tencionam vir visitar-nos e convidar-nos especialmente; assim como vão às Britos e aos Cunhas. Já fez um ano que o querido Pai nos deixou. Decerto, a Mãe não quererá que deixemos de nos divertir um pouco...

— O' Lena — murmurou Francisca num tom de censura.

D. Maria da Luz olhou a filha com indulgência e disse:

— Queridinhas! A razão de as não deixar ir não será essa, pois recordo sempre o gôsto que o vosso pai tinha em que vivessem alegres, nas alegrias sãs, próprias da vossa mocidade. Mas...

— Mas então, Mãe? — exclamou Helena impetuosamente.

— Deixá-las conviver com gente que não sabemos quem é, e que possìvelmente não é do nosso meio...

— Mas isso é que se não sabe ainda, Mãe! — tornou Helena.

— E como havemos de sabê-lo? — preguntou Francisca.

— Parece-me que os tios Mexias conhecem o pai! Foi comerciante no Brazil. E as duas raparigas tiveram no Brazil a Miss Eliott para mestra, aquela nossa querida Miss Eliott; lembras-te, Francisca?

Francisca exclamou:

— Sim, sim, a boa mestra inglesa das primas, que tanta pena tiveram quando ela foi para a Baía.

— Então — concluiu Helena, triunfante — já vê a Mãe que não são pessoas desprezíveis. E tudo isto soube por umas tagarelices da Maria costureira...

— Ora, filhinha — interrompeu a mãe.

— E também por uma grande carta da Ninita de Mello! — concluiu Helena, mostrando três fôlhas escritas com letra miùdinha. — Esta gente esteve no verão passado em Vila do Conde e a Ninita deu-se com êles.

— Tudo isso é vago, Lena; mas veremos o que o futuro nos traz sôbre o assunto.

Não tinham ainda passado duas semanas, quando um rico e possante automóvel entrou uma tarde no vasto páteo da Casa do Pinheiro; e um «chauffeur» agaloado, subindo magestosamente a escadaria do andar nobre, tocou a sineta.

Grande foi, porém, o seu espanto ao vêr assomar ao portão uma irmã leiga, de cara risonha e grandes óculos, que lhe preguntou suavemente:

— Que deseja?

— Então não móra aqui a Senhora D. Maria da Luz...— e, interrompendo-se, leu um papel que trazia na mão — D. Maria da Luz de Moura Pinto e Almeida?

A Irmã apontou para a direita do páteo, disse:

— Além, naquela portinha verde — e fechou, mansamente, o portão.

O «chauffeur», desconfiado, desceu a escadaria e interpelou os patrões que, gordíssimos ambos, se preparavam para descer do esplêndido «Chrisler» com grandes dificuldades.

— Parece que essa senhora não mora

aqui, sr. Santos. E' naquela portinheca além — acrescentou com desdém.

A senhora gorda pôs um «lorgnon» de ouro sôbre o nariz e observou, com ar enjoado:

— Só se essa senhora era a caseira dos fidalgos...

Mas o marido conseguindo, enfim, sair do carro, avançou para a portinha baixa e tocou a uma campainha eléctrica.

Logo apareceu uma criadita engraçada, toda vestida de claro, com um avental de cassa branca e um ar acolhedor o mais possível.

— A senhora D. Maria da Luz? — preguntou o Snr. Santos.

— A senhora D. Maria da Luz foi à horta; mas as meninas estão em casa.

O carro avançara até ao canto do vasto páteo e a gordíssima senhora, soprando de cançada, entrou no corredor da casa.

Uma luz discreta deixava adivinhar uns armários antigos ao longo dêsse corredor e, dentro dos armários, loiças bem arrumadas de velhos coloridos. A criadita abriu uma porta e logo surgiu a sala de tetos apainelados, com três largas janelas abertas sôbre o terraço, donde se via o lindo jardim de buxos. Ao meio dêsse jardim havia um velho tanque de pedra, no qual bebiam alguns pombos. O arvoredo dava à sala um tom verde tão suave e tão harmonioso que se tinha uma impressão deliciosa de confôrto familiar.

O canto duma toutinegra soou como um hino de alegria.

O comerciante chegara à janela, enquanto a mulher se deixara cair sôbre o largo canapé «Império», que várias almofadas garridas alegravam.

— Que lindo jardim! — exclamou o senhor Santos. — E' pena não ter banquinhos...

— A sala não tem luxo nenhum — respondeu a esposa — nem cadeiras douradas, nem reposteiros!... Até admira ser casa fidalga.

Mas nada mais disseram com a entrada de Helena e Francisca.

O senhor Santos curvou-se, enquanto a mulher se levantava a custo e Helena declarou:

— A Mãe anda na horta, mas eu vou chamá-la...

E saiu da sala a correr.

— As meninas moram aqui sempre? — preguntou a senhora, querendo ser afável.

— Sempre, minha senhora. E gostamos muito — respondeu Francisca timidamente.

— Pois nós comprámos a Casa da Tôrre — disse o senhor Santos e gostavamos de freqüentar as famílias principais da terra.

— Temos filhas e não queremos que levem vida de saloias — tornou a mulher.

— A vida aqui é muito simples, pode ser que se aborreçam — disse Francisca.

— Ah, mas é que a gente quer arranjar distracções e divertimentos — respondeu o senhor Santos, bonacheirão. — E as meninas hão-de também tomar parte nessas pândegas, fiquem sabendo!

Nessa altura entrou D. Maria da Luz seguida de Helena; e, depois dum cumprimento frio, disse:

— V. Ex.as são, se não me engano, os novos proprietários da Tôrre?

— E' verdade, a gente semos — respondeu a senhora — encarando D. Maria da Luz com o «lorgnon» sôbre o nariz.

— Eu sou franco, sabe a senhora? Sou muito franco — disse o comerciante — e o que tenho a dizer, digo! Viemos cá antes de ir às outras casas fidalgas, porque sabemos que são pessoas muito finas e muito bem educadas que não vão olhar-nos de cima da burra, nem fazer-se de manto de sêda.

— Mas... — tentou dizer D. Maria da Luz.

(Continua)

Chá da costura

— Diz-me, Rita, que te pareceu a tarde elegante da Aninhas? — preguntou Berta, enquanto cosia.

Rita franziu o nariz:

— A Aninhas é boa rapariga; mas é pena estar sempre a *representar*.

— A representar?! — exclamou Clara.

Rita explicou:

— Nas coisas que ela diz falta sempre a simplicidade: não é natural. E está-se tornando tão ordinária...

— Que idéia! ela até na fala é o mais simples que se pode ser — observou Joana — as palavras que usa pecam por não serem nada clássicas...

— Fala um calão ridículo — tornou Rita — e êsse mesmo não é sincero, não é natural: detesto o género.

— A tarde foi deveras chic, tens de confessar — tornou Berta.

— Chic porquê? — retorquiu Rita — Vestidos bonitos, sim, gente elegante, bôlos óptimos: mais nada!

— Achas pouco? — disse Joana.

Rita tornou:

— O calão da Aninhas irrita-me a um

ponto que não sei dizer. Porque há-de a patètinha dizer como eu ouvi: — eu só recolho à pildra, depois da meia noite; e a essas horas dá-me uma destas laricas...

— Querias que ela falasse como aquela senhora afectada de quem contava a tia Virgínia a cêna no Caes do Sodré? — preguntou Joana.

— Que história é essa, Joana? Conta lá!

— Era uma senhora solene que só falava em linguagem empolada. E um dia que queria atravessar o rio chegou ao Caes do Sodré e gritou para um barqueiro:

— «Oh Silvestre da rústica progenie! Aproxima do caes essa côncava cimba para me transportar à margem oposta!»

— Ah! Ah! Ah! — riram tôdas.

— Mas o melhor é a resposta do homem — disse Joana — «Nem eu sou Silvestre nem entendo o que você diz».

— Isso ainda é pior do que o calão da Aninhas — observou Clara.

— Reconheço que é pior — disse Rita — Mas olha que a fala de certas meninas, hoje em dia, dizendo que o *taró* é medonho, a *piada* é óptima, a *pinha* lhes doi, as fitas são *bestiaes*, as pessoas *são bem*, por tudo e por nada: *não há direito*, é de enjoar, não acham?

— Não há direito! — exclamou Joana, do meio da gargalhada geral.

MARIA VAI CASAR

Como se sentia feliz aquela simpática e alegre Maria, dezenove anos cheios de saúde, com o grande acontecimento, que se dava na sua vida despreocupada! Acabava de ser pedida em casamento pelo rapaz de quem lhe parecia ter sempre gostado, desde que o conhecera três anos antes. Não casaria antes dos vinte e um: não o desejavam seus pais, ciosos de ter em casa a filha adorada até à sua maioridade. E Maria, vivendo em plena ventura, resolvera empregar êsses dois anos num preparo moral, por assim dizer, para a sua futura vida. A irmã, casada havia cinco anos, regosijava-se de a ver tão bem disposta, tão convencida da sua felicidade futura; e as conversas entre as duas raparigas tinham agora um único assunto: o noivado, o casamento, a vida do lar, os filhos...

— Sabes o que pretende a tia Eugénia, sempre um pouco azêda, coitadinha, e pronta a censurar a nossa geração? — disse Maria, naquela linda tarde de Junho em que o céu, o sol, o ar, tudo parecia um hino de louvor a Deus.

Marta, a irmã, riu-se.

— E' difícil às vezes — respondeu — as pessoas de hoje *compreenderem* a nossa geração; não é por mal.

— Pois ontem saiu-se com esta: «no meu tempo, à maioria das noivas pensavam na maneira de tornar felizes os futuros maridos; mas vocês tôdas, hoje em dia, só pensam em que os futuros maridos as tornem felizes a vocês.»

Marta ficou cismática um bocado; depois disse:

— Mas olha que isso não é mal observado, Maria.

Maria indignou-se.

— Ora, ora, ora... Eu penso que seremos felizes ao mesmo tempo; é o mais simples, afinal.

— Nem sempre é tão simples como julgas — respondeu Marta — Para se ser feliz no casamento — continuou gravemente — não basta o amor...

— ?!!

— E' preciso uma outra coisa em que as noivas raras vezes pensam: talvez nunca! Uma adaptação inteligente, absoluta, completa, ao marido.

Maria, indignada, exclamou:

— Quer dizer: a perda total, a *abdicação* da nossa personalidade!

Marta sorriu, indulgente.

— Não há amor próprio... quando se gosta a valer: há simplesmente *amor*, Maria.

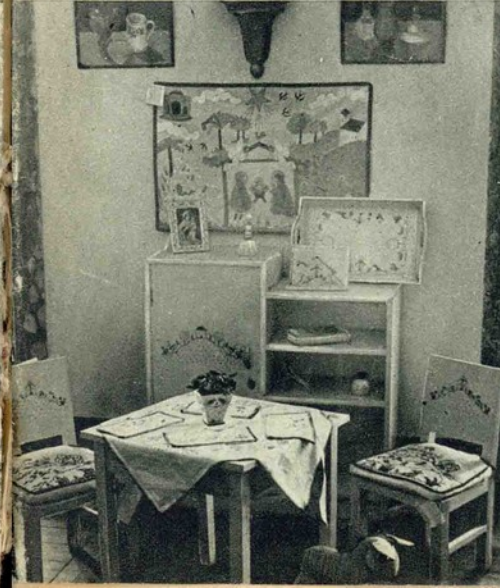
Calaram-se um momento ambas; e no jardim, sôbre a velha pimenteira de outros tempos, um melro assobiou trocista...

CARTAS ÀS RAPARIGAS

Este mês nenhuma filiada me escreveu: e confesso que tive pena. É tão agradável receber essas cartinhas quási misteriosas, de letra desconhecida, como desconhecida é para mim a signatária... Mas como tenho sempre convívio com raparigas, não me falta ocasião de ler nos espíritos das meninas em geral. Assim quero hoje falar-vos dessa bela coisa, que é o entusiasmo. Como impulso, não há melhor. Mas, se não juntarem ao entusiasmo a tenacidade, torna-se quási inútil! Tenho visto surgir muitas vezes, entre a gente nova, iniciativas esplêndidas, projectos admiráveis de futuras realizações. Organizam-se programas e festas, trabalha-se com afan para uma idéia, e tudo isso absorve, durante um tempo mais ou menos longo, os espíritos de raparigas e rapazes.

Mas quantas vezes, oh tristeza! como bolas de sabão, luminosas e efémeras, se desfazem essas iniciativas, que por uma sabida tenacidade poderiam ser transformadas em obras úteis e boas...

Sei dum pequeno grupo de raparigas que num dos invernos de Lisboa resolveu organizar uma Creche. Com festas várias, peditórios, chás de caridade, etc., aproveitando as múltiplas maneiras que na época presente se adoptaram para conseguir fundos... desembolsando o menos possível, conseguiram muito dinheiro. E abriram uma pequena Creche modelar, indo as próprias raparigas dirigir os serviços por turnos. Mas quando, algum tempo depois, preguntei a uma delas pelo progresso da Obra, respondeu-me admirada:

— A Creche? Qual Creche? Ah sim, isso acabou. A Xó casou e já lá não ia; a Pi não tinha tempo, porque se deita sempre tarde e não pode levantar-se cêdo; a Nónó, coitada, anda estafada com a vida de Lisboa... — Desisti de ouvir outras razões da desistência, ou melhor, da deserção...

VI Salão de Educação Estética da M. P. F.

DESTA vez, o Salão de Educação Estética da M. P. realizou-se no Palácio da Independência, sede da Mocidade Masculina.

Nenhum outro lugar lhe seria mais próprio.

Pelo nosso lado, confessamos que subimos com alegria as escadas daquela casa de *família* e que vimos com imenso agrado os trabalhos das nossas raparigas expostos nas suas salas acolhedoras.

O *Salão* ganhou em intimidade e em côr local, e talvez por isso, pareceu-nos ainda mais interessante do que nos anos anteriores.

Os rapazes apresentaram numerosos desenhos, aguarelas e trabalhos em serralharia artística, marcenaria, filigrana, encadernação etc., que foram muito apreciados.

Atraiam também a atenção curiosos trabalhos de marinharia e aviominiatura.

Por entre os trabalhos viam-se lindas fotografias com caras expressivas de rapazes, em cujos olhos se lia a vontade e o ideal da «Mocidade».

As raparigas esmeraram-se nas suas rendas, bordados, vestuário, trabalhos de arte aplicada, desenhos, produções literárias, etc.

E' difícil destacar trabalhos, porque isso quási que nos levaria a fazer um catálogo de todos os trabalhos.

Queremos apenas abrir uma excepção para o quarto exposto pela Escola Industrial de Machado de Castro, que na sua simplicidade e beleza foi uma lição de *bom gôsto* de arranjo do lar.

Ouvimos *indiscretamente* alguns comentários. A uma jóvem mãe: «Se eu tivesse visto êste quarto, teria arranjado assim o de minha filha. E' tão fresco, tão bonito!».

E dizia uma rapariga (que percebemos que estava noiva) para uma outra: «Vou dizer ao Manuel que venha ver a Exposição; gostaria de arranjar assim o nosso quarto».

Dignou-se inaugurar a Exposição Sua Ex.ª o Senhor Presidente da República. Assistiram também à inauguração o senhor Dr. Lopes de Almeida, Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional; Dr. Marcelo Caetano, Comissário Nacional da M. P.; a Senhora Condessa de Rilvas, Presidente da O. M. E. N.; D. Maria Baptista dos Santos Guardiola, Comissária Nacional da M. P. F., etc.

Fotos: TORRES

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

FARO — Santo António do Alto

UM PASSEIO A SANTO ANTÓNIO

NADA melhor para tonificar o corpo e a alma do que ir de quando em vez respirar o ar puro do campo, principalmente se a altura e a tranqüilidade do sítio nos chamam para regiões mais altas. Não há muito subi até Santo António do Alto, em Faro, e lembrei-me de aí escrever a modesta página que se segue:

Como o poder de Deus é grande! Que linda é a Natureza! Subindo até Santo António do Alto o nosso espírito sente-se mais próximo de Deus diante da simplicidade atraente e ao mesmo tempo beleza mística que nos dão os campos.

As amendoeiras oferecem aos nossos olhos o mais belo quadro que imaginar se pode. Sem folhagem, toucadas com suas flores invernais, alvas de pureza imaculada, transparecendo ao sol como rendas diáfanas, de espuma e pérolas, recordam as lindas moiras que por cá andaram com seus mantos alvos. E... quem sabe?... Talvez em cada amendoeira se oculte saüdosa alguma moira encantada olhando as petalazinhas brancas e procurando ver através elas o príncipe sonhador que as desencantará. As amendoeiras mais distantes, não deixando distinguir os flocos que as cobrem, assemelham-se a fios de algodão que brilham ao sol doirado e cintilante do nosso Algarve. Mais além vêem-se as africanas alfarrobeiras com seu verde escuro. Os prados, matizados de simples e alegres flores campestres, formam com o verde das figueiras e o luzidio das alfarrobeiras um quadro belo que por si só fala da alegria e vivacidade desta província do sul que em si tantas belezas encerra.

Mais ao longe é o velho e sempre novo mar, confundindo o seu azul com o do céu e beijando carinhosamente a areia fina e doirada das nossas praias, que avança para se dividir em espelhos pequeninos, de colorido variado: as salinas. Ao longe, muito ao longe, velas brancas como gaivotas indicam-nos que, enquanto a lêda algarvia apanha os frutos pendentes das nespereiras e laranjeiras, o algarvio trabalhador luta com o mar que lhe dá grande parte do seu sustento.

Do outro lado, em baixo, vê-se a cidade, capital do sul, que vem do mar em suave ascensão até Santo António. Os meus olhos de estudante, porém, fixam mais demoradamente uma parte muito limitada dela: é o nosso velho Liceu onde, amparadas pelos conselhos dos mestres amigos seguimos na ânsia de saber, de descortinar tudo que ainda nos é desconhecido. Como ao deixar-te, ó querido Liceu, a minha alma saüdosa voará para ti, recordando as alegrias passadas junto das tuas paredes!...

E assim me quedei instantes, extasiada com quanto me rodeava e pareceu-me ver Santo António sair da modesta capelinha e abençoar em nome do Padre Poderoso tudo que enlevada contemplava.

Maria João Correia

Filiada n.º 10.956 — Centro n.º 1 — Algarve — Faro

MOURAS ENCANTADAS

LENDA ALGARVIA

A lenda que vou contar narra-se numa pequenina e modesta aldeia dêste nosso pequenino e encantador Algarve, Paderne, terra das mouras encantadas, onde há um castelo em ruínas, ainda hoje, habitado por elas.

Conta-se que certo dia um rei altivo e orgulhoso partiu para longes terras em procura de um mundo desconhecido, não querendo ouvir as preces das suas três filhas orfãs, que ficavam desamparadas neste mundo. As três princesas: Iara, Maria e Genoveva, num dia em que passeavam pelo campo, ouviram uma voz que dentro dum poço as convidava a ver coisas lindas; as raparigas foram e logo se transformaram em mouras encantadas. O pai, sabendo esta notícia, ordenou a um dos criados que havia levado que voltasse para sua casa e trouxesse três pães; os quais devia deitar, um por um, à meia-noite, na noite de S. João, num poço que lhe indicara. O servo pôs-se a caminho e, chegado a casa, guardou os pães cuidadosamente numa arca, avisando logo a mulher que não mexesse ali.

Logo que êle saiu, a mulher incitada pela curiosidade, levou uma faca, e cortou um dos pães verificando que de dentro saía sangue. Neste momento o marido, que estava debruçado no poço, viu uma linda princesa envolvida em espuma, aparecer e imediatamente submergir. Ficou aterrado, com um tal acontecimento, mas seguiu para casa desejando que chegasse a noite de S. João.

Chegou a noite tão ansiosamente esperada e o homem mal escureceu foi-se pôr debruçado no poço levando consigo os três pães.

Estava uma linda noite de luar, após um dêstes dias lindos de primavera tão freqüentes no Algarve. Para tornar a natureza mais encantadora ainda estavam os campos cobertos de alta relva salpicada de florinhas dando o aspecto dum tapete admiravelmente matizado pelas mãos de alguma fada.

Soavam na torre da capelinha alvejante da aldeia as badaladas da meia-noite; e o homem, cumprindo com a máxima rectidão as ordens do seu amo, deitou um pão ao poço, pronunciou o nome duma das princesas e logo de lá saiu uma encantadora menina de cabelos côr de ouro, que desapareceu. A cena repetiu-se; mas à terceira vez êle deitou o pão chamou por Zara e viu que uma menina se agarrava à beira do poço dizendo que estava sentenciada a ficar ali eternamente por ter uma perna partida. Ao dizer isto notou que o pobre homem se entristecia profundamente; e então, explicou-lhe logo que a culpada era a mulher dêle.

A moura submergiu, envolvida num branco véu de espuma, findando assim a cena da linda noite de S. João!

Maria Rosa Guerreiro Gomes

Filiada do Centro n.º 1 da Sub-Delegácia de Faro

A PORTUGAL

Portugal, meu cantinho adorado
País dos arraiais, das romarias,
Terra dos Maneis e das Marias,
«Jardim em flor à beira-mar plantado».

Terra de heróis, guerreiros e brazões,
Pátria querida que é forçoso amar,
'Stás colocada no segundo altar
Que se levanta em nossos corações.

País de delícias e magia,
Do céu azul, dos laranjais em flor,
Tudo em ti é cheio de poesia!

Um tom alegre veste tudo aí,
Enchem-se as coisas de suave côr
Tal como em parte alguma jàmais vi!

Anlina Teixeira Dias

Infanta — Centro n.º 2 — Povoa de Varzim

O VENTO

O vento!... O pobre vento, condenado
A percorrer os ar's eternamente,
Num infernal bailado de demente,
Sem remissão possível no seu fado!...

Por isso o vento passa, amargurado,
Num lúgubre lamento que arrepia,
Em ímpetos convulsos de agonia,
Ou no louco furor dum revoltado!

Mas que trágico encanto tem o vento
Quando passa a carpir o seu tormento,
Uivando, longamente, pelo ar...

Não sei que crueldade existe em mim,
Para gostar de ouvi-lo e vê-lo assim,
Quando passa bailando, a soluçar!...

Graciette

Vanguardista — Centro n.º 1 — Coimbra

Ontem, Hoje e Amanhã

HÁ na vida de cada um de nós três momentos bem distintos: Ontem, Hoje e Amanhã.

Ontem, o Passado, lembra-nos recordações saüdosas e também flores murchas, esperanças desfeitas.

Hoje, o Presente, fala-nos da necessidade do esfôrço, tanto físico como intelectual e moral, que precisamos empregar para vivermos e progredirmos.

Amanhã, o Futuro, leva-nos a construir as nossas esperanças, convida-nos a examinar bem os alicerces das nossas aspirações para vermos se de facto assentam na virtude e nos fundamentos inabaláveis das verdades eternas.

Ontem dá-nos a experiência, Hoje convida-nos à actividade e Amanhã oferece-nos lugar para as esperanças santas e nobres.

O Passado, o Presente e o Futuro, embora distintos, são os três fios que formam o cordão da vida. O cristão já na infância prepara o bom nome da vida madura e as alegrias da velhice. O cristão vive em tôdas as idades a eternidade.

Se a alguém lhe pesa o Passado, pensando nas suas faltas, se o Presente o entristece pela falta de fôrça para resistir às tentações, deve-se lembrar que o sangue de Nosso Senhor purifica de todo o pecado e permite um Futuro de consagração e de vitória.

Ontem foi o presépio de Belém oferecendo-nos um Salvador, Hoje é a Cruz do Calvário garantindo o perdão, Amanhã será o triunfo da ressurreição e a realização da gloriosa promessa da vida eterna.

O Passado desperta a nossa gratidão, o Presente a nossa confiança e o Futuro a nossa esperança.

Laurentina dos Santos Marujo Correia

Filiada n.º 23.372 — Centro n.º 7 — Ala n.º 1 — Faro